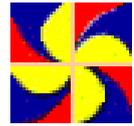




# CURIOSIDADES DA FÍSICA

José Maria Filardo Bassalo

[www.bassalo.com.br](http://www.bassalo.com.br)



---

## O “Imbróglia” Amoroso de Bohm.

Segundo o físico e historiador norte-americano Francis David Peat (n.1938) descreve em seu livro **Infinite Potential: the Life and Times of David Bohm** (Addison Wesley, 1997), o físico norte-americano David Joseph Bohm (1917-1992) era uma pessoa extremamente criativa em tudo que ensinou e pesquisou em vários ramos do conhecimento humano e nos diversos locais por onde passou no mundo todo, tais como: *University of California Radiation Laboratory (UCRL)* (1943-1946); *University of California* (1946-1947); *Princeton University* (1947-1951); *Universidade de São Paulo* (1951-1955); *Israel Institute of Technology (Technion)* (1955-1957); *Bristol University* (1957-1961); e *Birkbeck College, London* (1961-1983). Depois que se aposentou do *Birkbeck College*, como *Professor Emérito*, em 1983, ficou morando em Londres, até sua morte em 27 de outubro de 1992. Em sua vida intelectual ele teve oportunidades de discutir com famosas autoridades em Física, Filosofia, Sociologia e Medicina, conversas essas que resultaram na seguinte produção (isoladamente e com colaboradores): 10 livros, 126 artigos e 19 intervenções e conferências, como se pode ver em: **Publications of Professor David Bohm** (Wikipedia, 25 Nov 94).

Apesar de sua alta capacidade de dialogar dialeticamente com o viés marxista, ele tinha dificuldade de se relacionar amorosamente com as mulheres, conforme descreve Peat no livro referido acima. Vejamos como isso aconteceu. Em Berkeley, Bohm envolveu-se com amigos marxistas e, por essa ocasião, em 1943, teve oportunidade de conhecer a escritora marxista e ativista feminista, a norte-americana Betty Naomi Goldstein (1921-2006) com quem teve seu primeiro relacionamento amoroso. Merece destaque o fato de que a agora “Betty Friedan” escreveu, em 1963, o famoso livro **The Feminine Mystique** (“A Mística Feminina”), iniciando a segunda onda do feminismo no mundo capitalista, pois

analisou o novo papel que a mulher estava representando na indústria, base para a sobrevivência daquele mundo e que, no entanto, eram mal tratadas, diferentemente dos homens nesse papel, provocando uma situação de desespero e depressão nas mesmas.

Quando estava na *Princeton University* (PU) (1947-1951), Bohm começou a escrever seu famoso livro **Quantum Theory** (Prentice Hall, NY, 1951) e, para se concentrar, alugou um quarto no *One Evelyn Place*, que era de propriedade dos Kahler: Erich von Kahler (1885-1970), filósofo e ensaísta germano-norte-americano e sua segunda esposa Alice (“Lilly/Lili”) Loewy (1900-1992), intelectual austro-norte-americana e, na qual, se reuniam várias celebridades mundiais como, por exemplo: os físicos, o germano-suíço-norte-americano Albert Einstein (1879-1955; PNF, 1921), o austro-suíço Wolfgang Pauli Junior (1900-1958; PNF, 1945), o escritor alemão Thomas Mann (1875-1955; Prêmio Nobel de Literatura, 1929) e o filósofo e matemático polonês-inglês Jacob Bronowski (1908-1974). Por ocasião das reuniões que aconteciam nessa célebre propriedade, nas quais se discutia sobre filosofia, ciência e artes, enquanto se ouvia música clássica, Bohm conheceu a enteada de Erich, a filósofa e cineasta norte-americana Hanna M. Loewy Kahler (1925-2007) (que revia e comentava os livros de seu padrasto), com quem teve um breve envolvimento amoroso (sem sexo). Bohm chegou a propor casamento para ela, mas ela recusou, uma vez que Bohm queria deixar os Estados Unidos, e ela queria realizar sua carreira artística em Nova York.

Como não conseguiu casar-se com Hanna, Bohm continuou sua vida em Princeton, procurando um relacionamento amoroso mais definitivo. Na PU, Bohm conheceu George Yevick (que se seria, desde então, seu primeiro amigo), cuja mulher era a matemática norte-americana Miriam Lipschutz Yevick (n.1924), também marxista. Em janeiro de 1948, Miriam foi apresentada a Bohm em uma reunião de amigos e, logo que o viu, ela sentiu um “amor súbito”, que foi alimentado por visitas que lhe fazia no escritório de Bohm e que o deixava muito mal por estar traindo o amigo. Porém, quando o casal Yevick se separou, entre dezembro de 1948 e fevereiro de 1949, Bohm e Miriam tiveram um breve caso amoroso que, no entanto, não se concretizou em casamento, pois, naquela época, a sociedade americana não aceitava o divórcio. Quando o casal foi refeito, Bohm deixou os Estados Unidos, mas ficou uma grande amizade (um tipo de “amor platônico”) entre Miriam e Bohm a ponto de sempre se corresponderem (sobre seus trabalhos, bem como sobre suas dificuldades amorosas). Aliás observe-se que na estação de trem em

Trenton, New Jersey, quando Bohm se preparava para vir para o Brasil, via Florida, no final de 1950, Bohm disse-lhe que eles poderiam viver no Brasil, caso ela se separasse de George.

No Brasil, Bohm tentou se envolver com mulheres virgens que frequentavam o *Departamento de Física e Matemática* da FFCL/USP para ter um relacionamento amoroso sexual. Porém, a sociedade feminina brasileira daquela época só aceitava o sexo depois do casamento. Devido a essa “dificuldade cultural” e como não estava disposto a casar, Bohm não conseguiu envolver-se amorosamente com nenhuma brasileira, drama esse discutido com Miriam, por intermédio de cartas. Em vista disso, seu amigo americano Phil Smith, com quem dividia o aluguel de um apartamento, sugeriu-lhe que arranjasse uma namorada no Consulado Americano, de preferência a Senhorita Shipley, que dirigia a Seção de Passaportes e, com isso, ele resolvia seus dois grandes problemas: o sexual e obter seu passaporte de volta (que havia sido confiscado, no final de 1951, pelo *Consulado dos Estados Unidos*, em virtude de suas “perigosas” ideias comunistas). Isso, no entanto, não aconteceu.

Por fim, o “imbróglio” da vida amorosa de Bohm foi estabilizado quando, em Israel, conheceu a artista e escultora inglesa Sarah (“Sara”) Woolfson, com quem casou no dia 14 de março de 1956, união essa que representou um papel importante no desenvolvimento de seu trabalho filosófico-sociológico, principalmente depois que ele leu o livro (recomendado por sua mulher) **The First and Last Freedom** (Harper & Brothers/USA; Gollancz/UK, 1954) do filósofo, escritor e educador indiano Jiddu Krishnamurti (1895-1986). Note-se que, quando Krishnamurti visitou Londres, em junho de 1961, eles tiveram o primeiro encontro e a partir daí começaram a travar uma verdadeira batalha (oral e escrita, com vitórias e derrotas de ambos os lados) sobre o pensamento (*thought*) total, batalha essa que se encontra descrita no livro: **Limits of Thought: Discussions** (Routledge, London, 1999).



[ANTERIOR](#)

[SEGUINTE](#)